

ASPECTOS DA NARRATIVA FANTÁSTICA NO CONTO A VÊNUS DE ILLE, DE PROSPER MÉRIMÉE

Data de submissão: 01/03/2023

Data de aceite: 01/03/2023

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Doutoranda em Estudos Literários na
FCLAr/UNESP
Araraquara – SP

<http://lattes.cnpq.br/8978103083856101>

RESUMO: A narrativa fantástica, na apresentação de de Tzvetan Todorov, é comparada ao estranho e ao maravilhoso, sendo fantástica a diegese em que o evento sobrenatural não é confirmado, ou seja, deixa dúvidas ao leitor. É um tipo de narrativa cuja percepção se estabelece na dúvida. Nosso *corpus*, que é constituído pelo conto *A Vênus de Ille*, de Prosper Mérimée, que traz a história de um antiquário que visita Ille e se depara com a estátua fantástica. Objetivamos, assim, traçar os aspectos da narrativa fantástica propostos por Todorov no conto de Mérimée. O embasamento teórico é constituído por *Introdução à Literatura Fantástica*, de Todorov.

PALAVRAS-CHAVE: Fantástico; *A Vênus de Ille*; Prosper Mérimée.

ASPECTS OF THE FANTASTIC NARRATIVE IN THE SHORT STORY *A VÊNUS DE ILLE*, BY PROSPER MÉRIMÉE

ABSTRACT: The fantastic narrative, in the presentation of Tzvetan Todorov, is compared to the strange and the wonderful, being fantastic the diegesis in which the supernatural event is not confirmed, that is, it leaves doubts to the reader. It is a type of narrative whose perception is established in doubt. Our corpus, which is constituted by the short story *A Vênus de Ille*, by Prosper Mérimée, which brings the story of an antique dealer who visits Ille and comes across the fantastic statue. We aim, therefore, to trace the aspects of the fantastic narrative proposed by Todorov in Mérimée's short story. The theoretical basis consists of Todorov's *Introdução à Literatura Fantástica*.

KEYWORDS: Fantastic; *A Vênus de Ille*; Prosper Mérimée.

1 | INTRODUÇÃO

O fantástico, na perspectiva de Todorov, se instala numa narrativa até então regida pelas leis do nosso mundo,

mas que, em determinado momento, um acontecimento insólito invade a narrativa, surgindo dúvida se há ou não um elemento sobrenatural em pauta nessa diegese. Em outras palavras, se ela é regida pelos aspectos do nosso mundo ou se há, de fato, um elemento sobrenatural, transformando a narrativa em uma diegese regida por esse insólito.

O conto de Mérimée apresenta a história de um antiquário de Paris que visita Ille para conhecer outro antiquário, seguindo o conselho de um amigo. Ao chegar lá, o antiquário havia encontrado a estátua Vênus de Myron, de bronze, a então chamada de Vênus de Ille. A estátua, de bronze, é circundada por eventos fantásticos, ou seja, que podem ou não serem sobrenaturais.

Nesse sentido, o objetivo do presente estudo é justamente averiguar essa narrativa sob a perspectiva do fantástico de Todorov, cujo *Introdução à Literatura Fantástica* compõe nosso embasamento teórico.

2 | LITERATURA FANTÁSTICA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Tzvetan Todorov, em *Introdução à Literatura Fantástica* (2012), traz suas convicções acerca desse gênero, bem como sua devida caracterização e classificação. Para Todorov, o fantástico mora na incerteza frente a um acontecimento na narrativa que, até então, era regida pelas leis do nosso mundo, ou seja, não possuía seres sobrenaturais. Tal acontecimento faz o narrador (e, conclusivamente, o leitor) duvidar se é sobrenatural, tornando a realidade narrativa diferente da nossa, regida, portanto, por leis de outro mundo, ou se é apenas uma ilusão, um delírio, sendo uma narrativa composta pelas leis do nosso mundo, ou seja, sem acontecimentos sobrenaturais:

Somos assim transportador ao âmago do fantástico. Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, [...] produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos [...] ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade [...]. O fantástico ocorre nessa incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar em um gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. (TODOROV, 2012, p. 30-31).

Todorov compara frequentemente o fantástico, em sua obra, ao estranho e ao maravilhoso, pois “um gênero se define sempre em relação aos gêneros que lhe são vizinhos” (TODOROV, 2012, p. 32).

O crítico traz dois exemplos de definições para o Fantástico: a primeira, apontada por Vladimir Soloviov e Montague Rhodes James, propõe que o fantástico se dá quando o leitor hesita entre as duas possibilidades (sobrenatural e natural), já a segunda, proposta por Olga Reimann, afirma que o cabe ao personagem o papel da hesitação.

Definindo mais afincamente o gênero, Todorov expõe as condições para a existência do Fantástico. A primeira seria, pois, a hesitação do leitor frente ao acontecimento estranho, como comentado acima: “primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar

o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural” (TODOROV, 2012, p. 39). Em seguida, temos a condição – que a maior parte das obras fantásticas seguem – de que o leitor deve se identificar com um personagem na narrativa ao hesitar, ou seja, a hesitação exigiria uma representação no enredo, contudo, há exceções a essa regra: “uma hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem” (TODOROV, 2012, p. 39). A terceira condição seria a recusa, por parte do leitor, das interpretações alegóricas e poéticas, que assassinariam a primeira condição – a hesitação, descartando logo a possibilidade sobrenatural: “é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação ‘poética’” (TODOROV, 2012, p. 39). Essas três condições podem ser definidas como de caráter verbal, sintático/semântico e escolha entre modos de leitura, respectivamente.

3 | EXPLORANDO O CORPUS: A VÊNUS DE ILLE, DE PROSPER MÉRIMÉE

O conto de Prosper Mérimée, escrito em 1835 e publicado dois anos depois, traz a história de um antiquário parisiense que visita Ille para conhecer um famoso antiquário provinciano da região, Monsieur de Peyrehorade, por recomendação de um amigo, a fim de que esse lhe apresente as obras de arte dessas montanhas. Esse antiquário havia encontrado, tempos antes, uma estátua grega em seu jardim: uma Vênus de Myron, acerca da qual o antiquário nutre suas próprias teorias – das quais o narrador-personagem zomba – sobre suas inscrições em latim e sobre o tempo em que fora contruída.

Alguns fatos estranhos circundam a estátua de bronze. Primeiro, ela quebrou a perna de Jean Coll, amigo de Monsieur, ao cair de costas sobre o membro. Ademais, na primeira noite do narrador-personagem na casa do Monsieur de Peyrehorade, ele presencia, pela janela, dois vândalos jogarem uma pedra na Vênus, chamando-a de “assanhada”. A pedra retorna ao vândalo que a jogou, que acusa Vênus de tê-lo rejeitado e se retira. A conclusão de o narrador-personagem tira do episódio é de que, ao bater na estátua, a pedra voltou para o vândalo. Contudo, estranhamente, quando fora observar a estátua com seu anfitrião, notara que o risco feito pela pedra estava presente tanto na altura do seio da estátua quanto em seus dedos.

Durante a estadia do parisiense em Ille, o filho de Monsieur de Peyrehorade, Monsieur Alphonse, iria se casar. No dia do casamento, ele fora jogar e deixou seu anel – que daria a sua futura esposa – no dedo de Vênus e o esqueceu lá. Posteriormente, na noite da celebração após o casamento, ele contou ao narrador-personagem que, ao tentar retirar o anel do dedo da Vênus, a estátua retraiu o dedo, impedindo-o de retirar o anel, fazendo-se sua mulher. Contudo, o narrador julga o fato absurdo, ignora o pedido de Monsieur Alphonse de que fosse até a estátua ver o anel, e vai dormir.

Nessa noite, o narrador ouvira passos pesados na escada antes de dormir, que se

repetiram quando acordou, por volta das cinco horas da manhã. Madame de Peyrehorade, em seu testemunho, então viúva, contou que a estátua de Vênus entrou no quarto e agarrou seu marido fortemente, até matá-lo. E o anel que estava no seu dedo fora encontrado no chão do quarto. Claro que o testemunho da esposa foi considerado loucura pelas autoridades e, inicialmente, também pelo narrador. Racionalmente, ele tenta explicar que o jogador espanhol que havia prometido vingança por ter perdido o jogo no dia anterior para o Monsieur Alphonse encomendara a sua morte, mas essa hipótese fora descartada pela polícia local, pois o homem possuía hálibi e sua pegada era maior do que a deixada na entrada da casa. O narrador, então, não expressa acreditar que a Vênus de fato teria matado Monsieur Alphonse, mas diz que, ao passar pela estátua, ela parecia mais irônica do que o normal e mal conseguiu encará-la.

O conto termina com o narrador expressando que, meses após, o pai do jovem morto também morreria, e sua esposa mandara fundir a estátua que, ainda em outra forma, carregava sua má sorte. Portanto, o narrador-personagem não se posiciona: fora loucura de Madame de Peyrehorade ou de fato a Vênus matara seu marido?

4 | O FANTÁSTICO EM A VÊNUS DE ILLE

A fim de apresentar os aspectos da literatura fantástica no conto de Mérimée, destacam-se o narrador em primeira pessoa, que testemunha os fatos e do qual o leitor pode duvidar, pois ele fez parte da história; a dúvida que o personagem – e, conclusivamente, o leitor – sentem em relação ao acontecimento estranho, que seria a morte do Monsieur de Alphonse; e as possíveis explicações para esse fato: a racional, que seria a morte encomendada e a loucura da Madame de Peyrehorade, ou a sobrenatural, que seria o “abraço” da estátua de Vênus.

O narrador em primeira pessoa é importante porque traz a possibilidade da dúvida ao leitor: até que ponto ele é confiável? Como testemunha, ele faz parte da história e, portanto, não é uma fonte confiável dos fatos que se deram na mesma. Portanto, sendo o fantástico o gênero da dúvida, um narrador que causa tal atmosfera faz-se necessário.

A atmosfera estranha – possivelmente, sobrenatural – que circunda a estátua se inicia no início do conto, quando o guia do narrador lhe conta que a estátua quebrou a perna de um dos amigos de Monsieur de Peyrehorade, bem como no ódio de a esposa do Monsieur nutre pela estátua. Contudo, esses fatos não são suficientemente estranhos para que o personagem (e o leitor) apele para uma conclusão sobrenatural. Posteriormente, na noite em que o narrador presencia a pedra voltar da Vênus aos malandros que a atacaram. Ali, o leitor já duvida se a pedra simplesmente voltou ou se a Vênus a jogou de volta, embora o personagem obrigue-se a acreditar nisso. A possibilidade sobrenatural é colaborada quando, no dia seguinte, o narrador observa o risco da pedra no seio da Vênus e em seus dedos, como se ela a tivesse pego e jogado de volta. Além dessa dúvida,

temos a noite do casamento, que é quando a Vênus, de acordo com Monsieur Alphonse, se recusou a devolver-lhe o anel, tornando-se sua esposa. O narrador praticamente ri dessa hipótese e a recusa logo de início, assim como ele ignora os passos pesados que ouve e, posteriormente, busca uma explicação racional para a morte do Monsieur Alphonse.

Quanto ao fato culminante, que seria a morte de Monsieur Alphonse, há acontecimentos, expostos na narrativa, que colaboram para ambas as causas da morte de Monsieur de Alphonse: o jogo no qual seu rival pede vingança e a existência de capangas que usavam sacos de areia para matar seriam dados que colaborariam para a explicação racional; já o som de pegadas pesadas nas escadas, o aparecimento do anel no quarto e o depoimento da esposa colaborariam para a explicação sobrenatural. Mas, sobretudo, o que torna *A Vênus de Ille* um conto fantástico é o fato de essa explicação permanecer na dúvida, pois caso essa dúvida fosse esclarecida, o conto pertenceria ao estranho ou ao maravilhoso, como explica Todorov em *Introdução à Literatura Fantástica*.

É importante ressaltar que o próprio narrador, muitas vezes, zomba da possibilidade sobrenatural, como quando Monsieur Alphonse pede que ele verifique que a Vênus contraiu o dedo para não lhe devolver o anel: “eu seria um bobo completo de ir verificar o que me disse um homem embriagado!” (MÉRIMÉE, 2011, p. 260). Outro momento foi quando, ao ouvir as pegadas pesadas na escada, buscou dar uma explicação racional a elas: “O dia ia raiar. Então ouvi nitidamente os mesmos passos pesados, o mesmo estalo dos degraus que tinha ouvido antes de dormir. Achei estranho. Tentei, bocejando, adivinhar por que Monsieur Alphonse se levantava tão cedo” (MÉRIMÉE, 2011, p. 262). Quando soube da morte, o narrador buscou uma explicação racional para ela: “Logo me lembrei do arriero aragonês e de sua ameaça; mas mal me atrevia a pensar que ele tivesse transformado uma brincadeira inofensiva numa vingança tão terrível” (MÉRIMÉE, 2011, p. 263). Ao fim, contudo, não apresenta nenhuma conclusão acerca da origem do ocorrido, hesitando, pois, frente ao acontecimento: “desde a partida não soube de nenhuma nova luz que tivesse aclarado essa misteriosa catástrofe” (MÉRIMÉE, 2011, p. 266), ainda que soubesse o que Madame de Peyrehorade declarava como verdade. É interessante destacar, no trecho exposto, que o narrador usa a palavra “misteriosa”, assumindo a áurea mística que circunda a estátua pela primeira vez em sua narrativa. Em um *post-script*, apresenta ao leitor a morte posterior de Monsieur de Peyrehorade e a maldição que acompanha o bronze, mesmo após derretido por sua viúva.

Ao longo dessa narrativa fantástica, é possível notar que, de acordo com os conceitos acerca do gênero ressaltados de Todorov (2012), o leitor é quem hesita, cumprindo, assim, a primeira condição para o Fantástico. Quanto à segunda condição, o narrador-personagem apenas passa a hesitar no final da narrativa, quando usa “misteriosa” para se referir à morte de Monsieur Alphonse. Essa hesitação é representada, contudo, desde o início pelo guia do narrador-personagem: “não engulo o rosto dessa estátua. Ele tem um jeito malvado... e ela também é malvada” (MÉRIMÉE, 2011, p. 244); pela esposa de Monsieur de Peyrehorade:

“não tolero olhar para essa estátua que fez um estrago como esse. Pobre Jean Coll!” (MÉRIMÉE, 2011, p. 247); e pelo Monsieur Alphonse que, posteriormente, alega que a Vênus não quis devolver-lhe o anel: “o dedo da Vênus está contraído e dobrado; ela aperta a mão, está me entendendo?... Aparentemente, ela é minha mulher, já que lhe dei meu anel... Ela não quer mais devolvê-lo” (MÉRIMÉE, 2011, p. 261). Dessa forma, é cumprida a segunda condição (não obrigatória) para o fantástico. O personagem que representa o sobrenatural, contudo, é Madame de Peyrehorade, que afirma ter visto a Vênus matar seu marido. Já a terceira condição depende unicamente do leitor, fazendo-se possível a partir do momento em que esse aceita essa condição de leitura.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, como pôde ser observado em nosso estudo, o gênero diegético fantástico, segundo Todorov, se estabelece na dúvida de os acontecimentos terem origem sobrenatural ou não. Além disso, temos o personagem-narrador que ironiza a possibilidade do sobrenatural nesses acontecimentos relacionados à estátua.

Logo, aspectos do fantástico proposto por Todorov são marcadamente observados na narrativa de Mérimée, como pôde ser observado em nossa averiguação do texto sob o viés da perspectiva de Todorov acerca da dúvida diegética que compõe a literatura de cunho fantástico.

REFERÊNCIAS

TODOROV, T. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MÉRIMÉE, P. A Vênus de Ille. In: CALVINO, I. (Org.). **Contos Fantásticos do Século XIX**: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.